

OS PILARES DE FORMAÇÃO PARA QUEM TRABALHA NA PASTORAL

The training pillars for pastoral workers

Dom Angelo Vincenzo Zani¹

Secretário da Congregação para a Educação Católica da Santa Sé

Resumo: A partir do princípio de que a formação pode ser realizada de diferentes maneiras, o texto traz indicações para as principais orientações de um projeto de formação para a pastoral. Considera, nesse processo de formação, a relação intrínseca entre educar, ensinar e formar, destacando, com base na antropologia cristã, as diferentes nuances da formação para a realização da nova evangelização.

Palavras-chave: Projeto de Formação; Pastoral; Evangelização; Antropologia Cristã.

Abstract: Based on the principle that training may be done in different manners, this paper points to the main guidelines of a training project for pastoral workers. In such process, it considers the intrinsic relation between education, teaching and training. Based on Christian anthropology, it also stresses the diverse nuances of training for the new evangelization.

Keywords: Educational Project; Pastoral Work; Evangelization; Christian Anthropology.

¹ **Dom Angelo Vincenzo Zani** é Secretário da Congregação para Educação Católica da Santa Sé e foi nomeado pelo papa Bento XVI secretário da Congregação para a Educação Católica em novembro de 2012., sendo nomeado em 2013 consultor da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

Agradeço sinceramente o convite dirigido à Congregação para a Educação Católica. Tenho o prazer de transmitir a todos uma calorosa saudação do Cardeal Giuseppe Versaldi, Prefeito do Dicastério, e de expressar a nossa gratidão por terem escolhido o tema da educação.

Gostaria de fazer minhas considerações finais sobre o tema da educação, recordando a experiência do Sínodo da Juventude, durante o qual foram frequentemente destacadas a dimensão educativa e a necessidade urgente de formação, porque há vários anos tenho trabalhado nesse setor e considero-o um campo de fundamental importância para todos os religiosos que prestam seus diversos serviços na Igreja.

Hoje, para que os carismas possam ser uma presença efetiva do Espírito em favor da Igreja, é necessário que aqueles que os vivem sejam auxiliados por uma preparação cada vez mais qualificada e específica. Por isso, gostaria de oferecer-lhes algumas considerações sobre o assunto, concentrando-me em três pontos principais: 1. primeiramente, esclarecer o nosso conceito de pastoral e de formação; 2. em segundo lugar, ilustrar as dimensões fundamentais da formação; 3. em seguida, indicar as principais orientações de um projeto de formação para a pastoral.

1. O que queremos dizer com formação na perspectiva pastoral?

Não tenho aqui a intenção de apresentar um breve tratado de pedagogia, embora tenhamos que extrair dessa disciplina alguns princípios importantes. Acredito que seja mais útil assumir uma postura espiritual e intelectual aberta e livre de entendimentos pré-estabelecidos para poder compreender como a formação pode nos ajudar a viver e oferecer de forma mais incisiva a nossa contribuição, para realizar a nova evangelização nos vários âmbitos pastorais da vida eclesial e civil. Não nos esqueçamos de que hoje estamos imersos numa cultura secularizada, a chamada cultura da ‘pós-verdade’ e que, nesse contexto, a pastoral não pode ser reduzida a intervenções e atividades improvisadas ditadas apenas pelo generoso entusiasmo, pela boa vontade e por esforços pessoais heroicos. É necessária uma ação profissional bem motivada, pensada e qualificada. É por isso que é essencial investir na formação.

1.1. Pastoral

A pastoral tem suas raízes e fundamento na ação evangelizadora de Jesus e na sua explícita missão confiada aos Apóstolos e à comunidade dos discípulos, que se resume na expressão evangélica: “E enviou-os a pregar o reino de Deus” (cf. Lc 9,2; Mt 10,8; Mc 6,7). É a partir dessa perspectiva que a identidade e a missão da pastoral podem ser mais bem definidas, tanto como prática quanto como reflexão de fé ou teológica sobre tais práticas. O Magistério eclesial nos oferece muitas contribuições a respeito, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II.

1.2. O significado da formação

Eu gostaria apenas de destacar aqui alguns aspectos da formação, na perspectiva da pastoral como um todo, para ressaltar que, para realizar a nova evangelização hoje, será preciso ter uma formação de qualidade, profunda e específica, capaz de enfrentar os desafios sempre novos e mais profundos que encontramos no nosso modo cristão de viver.

O cardeal Martini, no biênio 1987-1989, tinha escolhido para a Arquidiocese de Milão um programa pastoral interessante intitulado: “*Deus educa seu povo* que começava com esta expressão plena de confiança: *Deus está entre nós, Deus educou cada um de nós e todos nós*. Deus continua a educar. Nós, educadores, somos seus aliados: a obra educativa não é nossa, é sua. Aprendemos com Ele, nós O seguimos, confiamos nele e Ele nos guia e nos conduz”.^[1] O único Mestre, formador, é Jesus, que se faz presente e age em meio a seu povo.

Podemos acrescentar a essas palavras de Martini o que afirma o Papa Francisco. A Exortação *Evangelii gaudium* recorda a importância de reconhecer e abrir espaço para a presença e a ação de Deus em meio a seu povo. O Papa faz isso convidando a lançar um olhar *contemplativo* sobre a cidade, “isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças [...]. Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada” (n. 71).

As duas citações nos ajudam a compreender que a ação de formar na pastoral – e é isso que nos interessa – tem primeiramente a sua fonte em Deus, segundo o mistério da Revelação, e é a partir dessa fonte que se deve elaborar o projeto de formação, que é o projeto de Deus interpretado e desenvolvido com as nossas categorias humanas e culturais.

Partindo dessa base, é necessário, contudo, conhecer certos princípios essenciais que a pedagogia nos oferece para poder desempenhar a tarefa da formação e compreender a eficácia que esta pode ter no crescimento e na vida de uma pessoa, assim como no auxílio ao seu compromisso em âmbito eclesial e social. Refiro-me em particular a três verbos que são usados pelos especialistas nas áreas de pedagogia e didática e que, com suas diferentes nuances, têm valor e significado também para o que devemos fazer em nossas comunidades eclesiais e religiosas.

Todo carisma concedido pelo Espírito é destinado a toda a Igreja e é transmitido às jovens gerações por meio de caminhos de formação e o testemunho das pessoas que o receberam e viveram, para que se torne cada vez mais efetivo. A formação é realizada de diferentes maneiras, mas em cada uma delas deve ser considerado o significado de, pelo menos, três verbos fundamentais.

Primeiramente, o verbo **educar** (do *e-ducere*). Tal palavra significa levar para fora, caminhar, crescer, desenvolver, fazer amadurecer. Na história da salvação, Deus sempre interveio com uma ação destinada a acompanhar à saída, a traçar um caminho, com o convite para sair. Ele disse a Abraão: “Sai de tua terra e vai para a terra que eu vou te mostrar...”. Para Moisés, falou: “Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição [...] tomei conhecimento de seus sofrimentos. [...] E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito”. Jesus chama os discípulos dizendo: “Vem e segue-me”. Educar, portanto, é sobretudo sair e traçar um caminho para responder a uma chamada; é a escolha de Deus que se torna um seguimento.

Em seguida, o verbo **ensinar** (*in-signare*): marcar dentro, pôr sinais, traçar linhas de marcha, dar indicações, códigos, objetivos e metas, transmitir conteúdos que incidem na pessoa. Esse verbo nos ajuda a entrar no campo aberto e sempre novo da Palavra de Deus, que gera e regenera a vida. Sobre isso, o Papa Francisco tem algumas expressões muito eficazes quando, na *Evangelii gaudium*, fala da homilia e indica como esta deve ser preparada; o que o Papa afirma a respeito pode ser aplicado não apenas aos pastores, mas a todas as atividades da vida e do serviço pastoral. Ele diz: “(...) precisa de se abeirar da Palavra com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade” (n. 149). “Antes de preparar concretamente o que vai dizer [...], tem que aceitar ser primeiro trespassado por essa Palavra que há-de trespassar os outros, porque é uma Palavra viva e eficaz” (n. 150). “O Senhor quer servir-Se de nós como seres vivos, livres e criativos, que se deixam penetrar pela sua Palavra antes de a transmitir” (n. 151).

Enfim, o verbo **formar** (*dar forma*). Convém recorrer ao exemplo do oleiro que tem em mente ou coloca diante de si um modelo para olhar enquanto molda a argila; significa transformar a matéria numa forma precisa, juntar, compor uma obra. O modelo a ser observado no processo formativo é Cristo, o homem novo. O Concílio Vaticano II afirma-o claramente, quando diz que a educação cristã não implica apenas uma maturidade própria da pessoa humana, mas também a propensão à preparação para “levar a própria vida segundo o homem novo em justiça e santidade de verdade; e assim se aproximem do homem perfeito, da idade plena de Cristo” (*Gravissimum educationis*, 2).

Assim, nesse primeiro ponto, esclarecemos o nosso conceito de ação pastoral e, em seguida, as diferentes nuances da formação que é indispensável para a realização da nova evangelização, isto é: seguir o caminho, ter pontos de referência seguros, inspirar-se sempre em Jesus, o único Mestre capaz de dar-nos a sua forma.

2. As dimensões fundamentais da formação

Neste momento, sem me deter em considerações muito técnicas, gostaria de ilustrar dois elementos importantes que devem ser sempre considerados. Em primeiro lugar, para poder formar de maneira adequada, é preciso sempre ter bem claro o conceito e a ideia de “pessoa” que nos inspira, tanto para tornar a sua formação eficaz quanto para qualificar o serviço que somos chamados a prestar; além disso, para desempenhar com responsabilidade a nossa tarefa profissional e pastoral, é necessário cultivar certas atitudes precisas.

2.1. Recorrer aos fundamentos da antropologia cristã

Ninguém pode, de jeito algum, pensar que está educando de maneira incisiva e eficaz se adotar uma posição de neutralidade ou se evitar lidar com os valores profundos que dizem respeito à concepção do ser humano. E quando falamos de valores, enquanto cristãos, não nos referimos apenas a algum princípio racional ou teórico, mas recorreremos aos fundamentos antropológicos, extraídos da mensagem do Evangelho, que guiam a ação educativa e direcionam os seus destinatários a buscarem a verdade para suas vidas em plena liberdade.

Explicitar o *fundamento antropológico* de forma clara e transparente como base da proposta formativa é uma necessidade urgente e inevitável na sociedade complexa que tende a transmitir conteúdos cognitivos num contexto indefinido ou confiar, de preferência, em técnicas ou procedimentos, enquanto os desafios do nosso tempo

nos fazem intuir que há uma busca por sentido muito forte, mesmo que nem sempre explícita.

A concepção antropológica que extraímos da Revelação cristã é raiz e fonte inspiradora para se ter uma pedagogia realmente focada no âmbito do sentido e na orientação da própria existência. Em relação a esse tema, há uma rica elaboração no magistério eclesial e pontifício, do Concílio Vaticano II (em particular a estrutura da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*) até hoje.

Resumindo esquematicamente os elementos básicos que caracterizam os documentos do Magistério, poderíamos considerar três elaborações.[2]

- A primeira elaboração destaca a compreensão e a atuação do homem-pessoa[3] em Jesus Cristo. A antropologia cristã é cristocêntrica – Cristo é o mediador e a plenitude de toda a revelação (*Dei Verbum* n. 2) – e conecta, num relacionamento profundo e singular, o mistério de Deus Pai e o mistério do homem. A antropologia do Concílio, portanto, é uma *antropologia filial*, da qual derivam três resultados:

a) A primeira diz respeito ao *relacionamento entre Deus e o homem*. Se a relação entre Deus e o homem é revelada e implementada em Cristo, como relação de paternidade e filialidade, desmorona-se o paradigma dialético do Servo-Patrão pressuposto para interpretar o relacionamento entre Deus e o homem, bem como a acusação de alienação dirigida à fé e o apelo à necessária emancipação de Deus pela redescoberta do homem adulto e livre.

b) A segunda consequência diz respeito à *dignidade do homem-pessoa* na sua abertura constitutiva à verdade e na sua vocação integral para a liberdade. Isso significa que, do ponto de vista antropológico, em virtude do mistério da Encarnação do Filho de Deus, “o homem é novamente 'reproduzido' e, de algum modo, é novamente criado”, como escreve João Paulo II na *Redemptor hominis* (n. 10).

c) Uma terceira consequência importante: o cristocentrismo permite ao Magistério *universalizar o alcance do ensinamento* da Igreja sobre o homem-pessoa. Não só porque o homem é criado “por Ele e para Ele” (*Cl* 1, 16), mas também porque “pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem” (*GS* 22).

- A segunda elaboração da antropologia cristã, proposta pelo Magistério eclesial, aborda a *communio personarum*.

- A terceira elaboração diz respeito à ação do homem-pessoa no mundo: tanto sob o perfil do cosmos mediante o trabalho quanto, num contexto mais amplo, em termos de vida social nas suas expressões culturais, econômicas e políticas. O fundamento do *ethos* humano está no fato de ser imagem e semelhança de Deus, uma trindade de pessoas em comunhão. É nessa perspectiva que devemos interpretar o convite de Bento XVI para aprofundar a relação entre fé e razão e o do Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, para viver a “mística da fraternidade”.

Como se pode perceber, a antropologia cristã se baseia na ideia do homem que emerge da Revelação: o homem colocado em relação com Deus, o homem capaz de se doar aos outros e acolhê-los, o homem que age concreta e criativamente na história e no cosmos.

Essa abordagem olha, portanto, para o homem encarnado e reconhece a labuta, os desesperos, os fracassos e as dores do mundo e da condição humana, com seus ímpetus ideais e aspirações e, ao mesmo tempo, propõe uma espécie de alternativa de significado à cultura atual e um quadro de valores que se abrem para a *esperança*, como resultado antropológico e educativo da fé e da caridade. A verdade que Deus nos revela em Jesus Cristo – escreve João Paulo II em *Fides et ratio* – não está em contraste com as verdades que se alcançam filosofando. Pelo contrário, as duas ordens de conhecimento conduzem à verdade na sua plenitude.

As escolhas educativas que são reveladas por tal abordagem antropológica são portadoras de um princípio de esperança.[4] É a esperança que estimula a iniciativa humana para criar melhores condições de vida, sem acreditar que isso possa magicamente eliminar o mal e o sofrimento. A educação, em vez de confiar apenas na promessa da ciência de superar, sozinha, os males do mundo, a fome, as doenças e as guerras, põe a sua esperança na capacidade do homem de construir relacionamentos, fortalecer os laços sociais, cooperar e realizar um mundo de solidariedade.

Portanto, o aspecto fundamental da educação que se inspira na concepção cristã do homem redimido e a contribuição específica de tal concepção para a teorização pedagógica consistem em pôr no centro a pessoa com todas as suas potencialidades (corporal, estética, intelectual e crítica, moral e religiosa); com tais potencialidades o ser humano é capaz de gerar cultura e manifestar o seu ser em relação a uma civilização, compartilhando seus valores e linguagens de modo criativo e crítico. Nos processos educacionais, a abordagem do conhecimento deve ser entendida e vivenciada como um ato de libertação cognitiva do sujeito, não só como

uma oportunidade de adquirir conhecimentos, mas também como uma possibilidade de fazer uma experiência direta e pessoal.

2.2. *Estilo e método da educação*

Hoje não basta transmitir noções, saberes e conhecimentos, tomando como certo o resultado formativo que se quer alcançar. Além de adquirir conhecimento, é preciso que as pessoas que devemos formar passem por uma experiência concreta de *forte partilha* com os educadores. As verdades e os valores que queremos transmitir devem ser, de alguma forma, saboreados, experimentados e percebidos como verdadeiros.

Em sua atividade pedagógico-formativa, o educador não pode se limitar a analisar os dados que a realidade lhe oferece, mas através dela precisa descobrir e interpretar o específico mandato educativo que deve ser acolhido e desempenhado. Isso porque a ação educativa consiste exatamente em conduzir à verdade.[5]

É justamente esse mandato educativo para buscar a verdade, comunicá-la com as linguagens adequadas e testemunhá-la que desafia todos os educadores no âmbito espiritual, humano e profissional. É necessário, portanto, que quem desempenha papéis de formação, segundo a visão cristã, verifique constantemente, em âmbito pessoal e comunitário, as suas ações educativas, resgatando o mandato educativo por meio de uma tripla verificação.

a. Antes de tudo, *verificar a nossa própria sensibilidade e maturidade espiritual*, perguntando a nós mesmos se sentimos o “*misereor super turbam*”, isto é, aquela *pietas* que Cristo tinha para com seus contemporâneos, para dar uma resposta à sede de verdade do homem de hoje. Essa *pietas* ilumina a consciência. No Evangelho de Marcos, lemos que Jesus “viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque era como ovelhas que não têm pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6, 34-41). Muitos fundadores de congregações religiosas começaram seu trabalho de educação ou caridade começando justamente desta sensibilidade para com o próximo pobre, frágil, doente, desorientado, que os feriu e desafiou profundamente. E é aqui que devemos sempre reiterar a importância de injetar nos processos educacionais o necessário apelo à dimensão da *Transcendência*, uma vez que a nossa ação não é simplesmente uma assistência social, mas sim uma obra de evangelização; sem uma abertura à Transcendência não se pode construir um projeto de educação baseado em valores cristãos.

b. Em segundo lugar, é necessário *verificar a nossa própria sensibilidade e maturidade cultural*, perguntando a nós mesmos se sentimos que a sede de verdade do homem de hoje, e principalmente dos jovens, é também uma sede cultural de síntese, uma necessidade de uma unidade de sentido. A fragmentação pós-moderna do conhecimento e o bombardeio causado pela difusão dos meios de comunicação de massa com suas mensagens subliminares fazem com que se perca toda conexão com as grandes verdades que reúnem toda multiplicidade numa unidade e, assim, muitos jovens correm o risco de não encontrar propostas significativas, de não identificar contextos mais amplos e de serem obrigados a viver na fragmentação, com a consequente multiplicação de escolhas e com o risco da incoerência, se não da alienação. Para a educação, colocar-se nessa perspectiva significa oferecer a própria contribuição indispensável para o desafio de *repensar o pensamento*. Se – como escreveu o sociólogo do conhecimento Edgar Morin – é preciso repensar o pensamento, de acordo com Jean Daniélou[6] pode-se dizer que a mudança de paradigma almejada hoje pode ser gerada, levando em consideração as conquistas e os desafios da história, da contemplação do rosto de Deus que Jesus trouxe para a história: um Deus que é comunhão e comunicação, liberdade e diversidade, reunidas na amizade de quem se reconhece como filho(a) e irmão(ã). Essa visão conduz naturalmente à tarefa de desenvolver a cultura do diálogo.

c. Em terceiro lugar, é necessário *verificar a competência, no âmbito profissional e metodológico específico e no educativo*, recordando que o educador não é um mero guardião da ordem e do programa, mas é a testemunha e o porta-voz vivo dos valores espirituais e humanos. Cada vez mais, a ação evangelizadora da Igreja deve lidar com as exigências e os desafios da cultura e da sociedade atual e quem trabalha nos vários âmbitos da pastoral – das escolas e hospitais às instituições de caridade que combatem a pobreza e a marginalidade – deve ter uma preparação altamente qualificada e profissional. Sem tal modo de agir, a força evangelizadora do testemunho é comprometida. É necessária, portanto, uma sólida formação básica, bem como uma atualização e uma formação permanente. O extraordinário progresso científico e técnico, junto com a permanente análise crítica a que está sujeito cada valor, realidade, ou situação em nosso tempo, fizeram com que, entre outras causas, a nova época se caracterize por uma transformação contínua e acelerada que envolve o homem e a sociedade em todos os âmbitos. Tal mudança provoca o rápido envelhecimento dos conhecimentos adquiridos e das estruturas existentes, além de exigir novos comportamentos e métodos.

Nessa perspectiva, acredito que, no âmbito cristão, devemos sempre lembrar uma das grandes finalidades essenciais da educação que inspira um *paradigma específico* a ser seguido no método da própria transmissão do saber e do conhecimento.

Geralmente a transmissão do conhecimento é considerada como a construção de um bem “posicional”, que oferece à pessoa um conjunto de instrumentos mentais que ajudam na construção de si mesma e de uma posição na sociedade, em termos seletivos; a aquisição do conhecimento, pelo contrário, deve ser vista como um bem “relacional”, em que a frutífera troca de emoções e sentimentos, entre o educador e o educando, permita que a pessoa cresça especialmente na sua capacidade de se relacionar com os outros de maneira construtiva.

3. Orientações para um projeto de formação para a pastoral

Em todo projeto formativo, pelo menos três aspectos devem ser claros: a identidade e o propósito da proposta de formação; os diferentes sujeitos e papéis das pessoas a serem formadas; e, por fim, os desafios que as pessoas devem enfrentar. Vejamos brevemente esses aspectos aplicados

Identidade e tarefas. Esta consiste na diaconia e no serviço concreto que a Igreja, em nome do Evangelho e seguindo o mandato de Cristo, presta à da pessoa humana, considerada em sua totalidade, na sua dignidade, nas suas condições sempre singulares.

Perspectivas e desafios futuros. Para que se tenha uma qualificada presença e ação pastoral da Igreja, é necessário hoje enfrentar certos desafios e questionamentos, ter em mente algumas perspectivas prioritárias, seguir caminhos reativos de serviço.

Acima de tudo, a necessidade de “recomeçar a partir de Cristo” – como recordou João Paulo II na *Novo millennio ineunte* e o Papa Francisco na *Evangelii gaudium* – num contexto tão necessitado de uma nova evangelização e de esperança como o que vivemos hoje. Recomeçar a partir do Cristo: com a Palavra, os gestos, o serviço, o relacionamento, o dom de si, o recomeço a partir do seu mistério do “homem das dores” e do “Senhor ressuscitado”.

A construção de comunidades cristãs, entendidas como “comunidades novas, restauradas”, capazes de manifestar, em todas as direções e situações, a ternura e o cuidado amoroso de Deus.

Uma pastoral, portanto, capaz de se conscientizar e interpretar a realidade, identificar as necessidades, estabelecer as metas e os objetivos, bem como os passos a serem dados, as estratégias e a coordenação necessária.

A realização de uma adequada formação dos profissionais e dos operadores pastorais, em diferentes níveis, tanto nas comunidades cristãs como nas instituições religiosas e civis.

No nosso encontro de estudo, queremos que tais princípios sejam a base do que iremos expor sobre a educação, sobre os desafios atuais e sobre como as instituições escolares e acadêmicas que fazem referência às comunidades eclesiais podem responder.

É necessário, portanto, visar a qualidade da formação, a preparação para o trabalho “em equipe” – clero, religiosos, leigos e profissionais – e a capacidade de administrar as instituições para dialogar com a sociedade e o Estado e assim enfrentar desafios cada vez maiores.

NOTAS:

[1] C. M. Martini, *Dio educa il suo popolo*, Centro Ambrosiano di Documentazione e Studi Religiosi, Milão 1987, 8.

[2] Para essas referências, recorro particularmente a dois estudos recentes publicados por: Coda P., «La globalizzazione: una sfida all'esperienza umana? La visione cristiana della persona», in *Seminarium* 3-4 (2002) 855-871; «L'antropologia cristiana fondamento e orizzonte della missione educativa», in *Seminarium* 3 (2003) 505-533.

[3] Sanna I., (ed.), *La teologia per l'unità dell'Europa*, EDB, Bolonha, 1991; em particular: Bordoni M., *Il contributo della categoria teologica di persona*, 47-62; Ciola N., *Immagine di Dio-Trinità e socialità umana*, 157-180; Coda P., *Personalismo cristiano, crisi nichilista del soggetto e della socialità e intersoggettività trinitaria*, 181-206.

[4] Congregação para a Educação Católica, *Educar ao Humanismo Solidário. Para construir uma civilização do amor 50 anos após a "Populorum progressio"*, Cidade do Vaticano 2017, p.11-12.

[5] Cf. E. Husserl, *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, ediPUCRS, Porto Alegre, 2008.

[6] Cf. J. Daniélou, *La trinità e il mistero dell'esistenza*, Editrice Queriniana, Bréscia 2014/3.

[7] Para essas referências, recorro particularmente a dois estudos recentes publicados por PIERO Coda, «La globalizzazione: una sfida all'esperienza umana? La visione cristiana della persona», in *Seminarium* 3-4 (2002) 855-871; «L'antropologia cristiana fondamento e orizzonte della missione educativa», in *Seminarium* 3 (2003) 505-533.

[8] Sanna I., (ed.), *La teologia per l'unità dell'Europa*, EDB, Bolonha, 1991; em particular: Bordoni M., *Il contributo della categoria teologica di persona*, 47-62; Ciola N., *Immagine di Dio-Trinità e socialità umana*, 157-180; Coda P., *Personalismo cristiano, crisi nichilista del soggetto e della socialità e intersoggettività trinitaria*, 181-206.

[9] Congregação para a Educação Católica, *Educar ao Humanismo Solidário. Para construir uma civilização do amor 50 anos após a "Populorum progressio"*, Cidade do Vaticano 2017, p.11-12.

Sobre o autor:

Dom Angelo Vincenzo Zani nasceu na Itália, estudou Filosofia e Teologia na Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino e na Pontifícia Universidade Lateranense entre os anos de 1971 e 1976. Nos anos de 1978 a 1981 obteve a Licenciatura em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Doutorou-se em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Lateranense. Lecionou no Instituto Filosófico-Teológico Salesiano e no Instituto Teológico Paulo VI. Nos anos 1981 a 1995 foi delegado da Conferência Episcopal da Lombardia para o trabalho da pastoral escolar. Foi diretor do Escritório Nacional da Conferência Episcopal Italiana de Educação, escola e universidade de 1995 a 2002. Em novembro de 2012, o papa Bento XVI o nomeou secretário da Congregação para a Educação Católica e arcebispo titular de *Voltturnum*. Em 2013, o Papa Francisco confirmou sua posição de secretário e o nomeou **consultor** da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. É autor de dois livros e coautor de outros dois.

Publicações

ZANI, A.V. **Formare l'uomo europeo**: sfide educative e politiche culturali. Roma: Città Nuova, 2005.

ZANI, A.V. **Le sfide educative della nuova Europa**: prospettive di politica culturale e orientamenti ecclesiastici. Roma: [s.n.], 2005.

LUBICH, C.; ZANI, A.V. **Educazione come vita**. Brescia: La Scuola, 2010.

ZANI, A. V.; PELLEREY, M. **Le istituzioni accademiche ecclesistiche**: cultura della qualità e nuova evangelizzazione. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2012.

*Recebido em março de 2020
Publicado em agosto de 2020*